

SARAU ITINERANTE: PRÁTICAS COLETIVAS DE ECO-LEITURAS

Irene Zanette de Castañeda¹; Luzia Sigoli Fernandes Costa²; Sidney Barbosa³; Zaira Zafalon⁴; Luciana Gracioso⁵.

RESUMO

Pressupõe-se que a conquista da cidadania é potencializada pela capacidade crítica do cidadão que se viabiliza pela sua competência leitora, cujo aprimoramento pode se dar por meio do exercício da leitura. O objetivo é resgatar a prática da leitura coletiva no *domos*, a semelhança dos saraus literários, com o intuito de desenvolver competências de leitura, favorecer o senso crítico em ações cotidianas, que envolvam questões ambientais. O desenvolvimento dar-se-á pelo emprego de metodologias que permitirão operacionalizar os saraus por meio da leitura de obras ficcionais que contemplam assuntos de meio ambiente. Espera-se, ao final da atividade ter conseguido, pela leitura coletiva, sensibilizar a comunidade sobre a importância das questões ambientais e da mudança de hábitos que repercutem em diferentes aspectos da vida cotidiana do ser humano, cidadão e profissional. Espera-se ainda, estimular o intercâmbio entre conhecimentos científicos e aqueles acumulados pelas comunidades e o possível surgimento de indicadores que poderão subsidiar políticas públicas de leitura.

Palavras-chave: Leitura; Sarau itinerante; Ecologia.

Introdução

Um panorama da leitura no Brasil pode ser visualizado pelos preocupantes números apresentados por uma pesquisa, de iniciativa do Instituto Pró Livro (IPL), que resultou na publicação, na segunda edição de “Retratos da leitura no Brasil”, em 2008, ilustrando bem o comportamento leitor no país. Embora a comparação entre os resultados de pesquisa publicados em 2002 com os publicados em 2008 indique que houve, nos últimos anos, um aumento nos índices de leitura em geral, mas estes ainda permanecem abaixo do desejável.

Aspectos peculiares como a constatação de que grande parcela da população brasileira desconhece, ou conhece mal, o material de leitura, ou seja; é algo que merece a atenção dos educadores, principalmente, quando associado ao fato de que 59% dos não leitores nunca viram leitores em casa e 85% dos não leitores nunca foram presenteados com livros. Diante desses dados, procuramos, por meio de um caráter de inovação, a descontração, a satisfação e a valorização social da leitura, por meio retomar o papel da família “como primeira e mais importante definidora do valor da leitura” (RETRATOS, 2008, p. 14).

Embora a escola exerça um importante papel no tocante a leitura, muitos alunos chegam às séries finais do Ensino Fundamental sem saber ler e sem saber interpretar um texto. Essa situação é grave se considerarmos que a conquista da cidadania perpassa pela capacidade crítica, advinda da competência leitora e do aprimoramento das práticas de leitura. No Brasil, além do problema de acesso ao livro, por exemplo, há também a falta de hábito de leitura expresso pelo número de livros lidos fora da escola que é de 1,3 livros por habitante/ano. Esse cenário indica que além do importante papel que exerce a escola, no desenvolvimento da leitura, há a necessidade de fomentar sua prática afora formando leitores em outros ambientes e pela vida.

Inútil seria aqui tentar elencar os fatores responsáveis por esse estado de coisas. No entanto cabe resgatar Walter Benjamin, em relação à produção cultural, ao dizer que as formas de percepção humana são historicamente condicionadas, entre outras coisas, pelos fatos técnicos de cada época. Logo, se mudam as formas de percepção com a mudança dos modos de produção, mudam também os modos de representação artística. (KOTHE, FERNANDES, 1985). Sendo assim, os meios de comunicação de massa têm levado vantagem nessas últimas décadas. Esse é outro problema que identificamos e que, sob nosso ponto de vista, agrava a situação de não leitura: a constatação de, nestas últimas décadas, por decorrência de um avanço tecnológico incontestável, haver a preferência e até mesmo a competição com outros meios pela ocupação do tempo livre com televisão, música e rádio ao invés de ocupá-lo com a leitura. Todos esses meios de comunicação têm seduzido as crianças e adolescentes, sobretudo no Brasil, enquanto muito pouco se lê hoje ou quase nada de literatura canônica.

Os dados da pesquisa Retratos do Brasil (2008) também apresentam interessantes resultados quanto ao reconhecimento de que a leitura representa fonte de conhecimento para 42% dos entrevistados. Mesmo assim, há a preferência de 77% dos brasileiros em assistir à televisão em detrimento de outras ocupações para o seu tempo livre. Tudo indica que há que se proporcionar, diante dessa situação, uma forma atrativa que supere aquelas que estão afastando as crianças e adolescentes da leitura, do prazer do texto. A pesquisa Retratos do Brasil (2008) apontou, também, que para 49% da população, a mãe é quem mais influencia a formação do hábito de leitura. Nesse aspecto há um agravante pelo fato de pai e de a mãe permanecerem muito tempo fora de casa por exigência do trabalho, deslocamento, aperfeiçoamento contínuo, dentre outros compromissos e conseqüentemente, ficarem impossibilitados de se dedicarem aos filhos, de estabelecerem diálogos prolongados e de oferecer orientação, dentre outras coisas, para a leitura.

Esses dados, ao nosso ver, convocam todos os seguimentos da sociedade em prol do resgate do momento da leitura prazerosa, socializada, a moda dos antigos saraus literários. Nessa perspectiva é preciso recuperar a importância do papel de histórias, da arte literária, da arte de narrar na vida das pessoas e na sua saúde mental.

Assim, nos perguntamos: o que acontece com a Literatura? Benjamin (1985, p. 197-198) afirma que a “arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Isto significa que o homem moderno está perdendo sua faculdade de “intercambiar experiências”. Não se conhece mais o vizinho do lado. Não se falam nem se cumprimentam. Isto acaba refletindo-se na arte porque “a arte imita a vida”. Em tempos distantes, tínhamos o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Segundo Benjamin (1985, p. 199):

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.

Hoje, os camponeses do ocidente, na sua maioria, estão modernizando-se com a tecnologia. Até no campo, o diálogo está se tornando mais difícil a cada dia. Estão definhando as conversas depois do jantar. Corre-se para ver o noticiário na tevê. E em frente dela ninguém dá palpite. Todos se calam perante a imagem sedutora. Lembremo-nos de que há cerca de 20 a 30 anos, pelo fato de ainda não estar ocorrendo a proliferação e difusão dos meios e aparatos tecnológicos de comunicação da forma que o são hoje, a comunicação no tête-à-tête se fazia de forma mais corrente. Hoje, a proximidade e

intimidade com aquele que está alhures é maior do que com aquele que está ao seu lado: há a preferência pelo corpo espectral em detrimento do corpo social do outro.

A narrativa, para Benjamin (1985, p. 200),

[...] tem sempre em si uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se dar conselhos parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis.

Esse utilitarismo está sendo substituído pela máquina. “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1985, p. 200). Sabedoria hoje ditada pelos “grandes” comunicadores. Pelas novelas, pelos noticiários. E continua Benjamin: “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (1985, p. 200).

E neste contexto repensamos o contextual factual contemporâneo da literatura. O surgimento do romance, de certa forma, vai provocar a morte da narrativa oral. O romance vincula-se ao livro e é difundido com a invenção da imprensa. A “tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza distinta da que caracteriza o romance” (BENJAMIM, 1985, p. 201). Como diz Benjamin, o romance não procede da tradição oral e o romancista segrega-se, enquanto que o contador de histórias retira da experiência, sua ou dos outros, o que conta. Assim, a origem do romance associa-se ao isolamento do escritor, enquanto que a narrativa surge da experiência integrada do narrador e dos ouvintes.

Benjamin considera que “o romance, cujos primórdios remontam à antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar na burguesia ascendente os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa como forma artesanal (e oral) de comunicação começou, pouco a pouco, a tornar-se arcaica. O referido autor destaca ainda que a imprensa é, no alto capitalismo, um dos instrumentos mais importantes, sendo a comunicação uma nova forma que ameaça o romance e a própria narrativa. Afirma ainda Benjamin que “se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIM, 1985, p. 203).

Mas é inegável o papel da literatura, como uma narrativa escrita. As crianças que mantêm contato com a literatura infanto-juvenil são sonhadoras e, muitas vezes, utilizam suas leituras e a sua imaginação, refugiam-se da cruel realidade ou sentem vontade de vencer os obstáculos da vida ao observarem os heróis que encontram nas diversas histórias. Segundo Nelly Novaes Coelho (2005), é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens. Ela ainda afirma que a evolução de um povo se faz em nível de mente, em nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. E o caminho para se chegar a esse nível é a literatura. Mas, os livros também estão cada vez mais caros, inacessíveis às crianças.

O psicanalista Bruno Bettelheim (1980) colaborou com os estudos feitos sobre a necessidade do mundo mágico para a criança. Afirma, ainda, que a criança se identifica com o conto de fada, pois ele traz uma visão de mundo, que muitas vezes, pode estar de acordo com a sua. Acrescentou que muitos jovens que, sobretudo, no mundo atual, buscam fuga em sonhos induzidos por drogas, ou aderem a algum guru, acreditam em astrologia, engajam-se na prática da “magia negra” ou, de alguma outra maneira, buscam escapar da

realidade em devaneios sobre experiências mágicas, por desejarem mudar a rotina de suas vidas para melhor. Pode-se pensar que esses jovens foram prematuramente pressionados a encarar a realidade de uma forma adulta, quando deviam vivenciar o pensamento mágico que caracteriza a infância. Segundo Bettelheim (1991), "a criança tem necessidade de mágica".

A literatura infanto-juvenil é um instrumento de conscientização, não só dos professores, dos futuros profissionais para incentivar a leitura, mas também para abrir espaço para discussões a respeito de temas que ajudem a pensar a relação com a criança, no que se refere à necessidade de leitura com elementos mágicos. Os primeiros anos de vida devem, sob este ponto de vista, propiciar o encanto de histórias com magia, como é o caso dos contos de fadas. Pois, segundo Bettelheim (1991), é salutar para essa faixa etária. A atenção dos pais e educadores também deve ser pensada tornando a escola um espaço de incentivo à leitura prazerosa. Diante disso, deve haver mais cuidado e respeito às crianças para que convivam com o seu mundo mágico. Conseqüentemente, podemos esperar adultos mais críticos, independentes, autônomos e com melhor nível de desenvolvimento mental e saudável para o enfrentamento do mundo com todos os obstáculos, ou seja; para enriquecer as suas experiências.

A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo, destruiu. A distância entre grupos humanos, particularmente entre as gerações, transformou-se hoje em abismo porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. (BENJAMIN, p.10).

Tomando por base essas idéias, adotamos a postura de resgatar esse estilo de vida em que as pessoas se reúnem em volta do contador, no nosso caso, dos contadores que não ouviram histórias, mas que leram nos livros. O lazer e atividade de leitura e reflexão seriam fundamentais para despertar o gosto pela leitura.

Weisz (2008) retoma a importância que Emília Ferreiro dá ao domínio pleno da leitura e da escrita e que isso é "condição de autonomia política e intelectual [...], outros nomes para a idéia de cidadania". É por meio dessa autonomia que a manipulação de pessoas torna-se mais difícil, afinal, "cidadania se opõe à idéia de rebanho" (loc. cit.).

Bräkling (2008) define o ato de ler como uma forma de Interpretar os possíveis sentidos dos textos lidos a partir do conjunto de referências semânticas constituídos por cada um. Ou, dizendo de outro modo, todas as palavras possuem um conjunto de significados estáveis e reiteráveis no processo de enunciação, conhecidos pelos falantes de dada língua; da mesma forma, cada sujeito constrói um conjunto de sentidos pessoais, com base em suas experiências.

É essa construção própria de sentido que favorece a posição crítica diante da diversidade de situações que nos são colocadas. É por meio da leitura que há a possibilidade de desvencilhar-se dos meios de comunicação de massa tão em voga atualmente. Por meio dessa leitura pessoal é possível agregar significados pessoais decorrentes da vivência de cada um que, por sua vez, se agregam às palavras. A compreensão de um texto é, portanto, singular. Entretanto, embora o processo de leitura seja individual, ler é uma prática social.

Conforme Bakhtin (1988, p. 95), não são as palavras que nos agregam conteúdo, mas o significado nelas contido. "A palavra está, sempre, carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial" (BAKHTIN apud BRÄKLING, 2008). Nesse caso, a

realidade que nos é colocada pelos meios de comunicação de massa não é a mesma que a lida por nós mesmos. Aquela apresenta, de forma inegável, valores sobre os fatos. Nesse caso, não deixa de ser a realidade vista por outros olhos. Pela leitura seria possível estabelecer os próprios valores, fazer a própria leitura do que se lhe apresenta. Assim, é possível estabelecer um vínculo crítico com o mundo, construído pelo leitor. Segundo Bräkling (2008),

Ao lermos, constituímos sentidos acerca do mundo, como seres sociais, constituímos, também, sentidos acerca de nós mesmos. [...] Nesse sentido, fica evidente que, mais do que interpretar os sentidos do outro, quando lemos nos constituímos, à nossa consciência e à consciência que temos de nós mesmos. Não no sentido determinista, de apropriação a crítica da palavra desse outro, mas no sentido de que não existimos de maneira isolada, à revelia do outro, e sim a partir da relação que estabelecemos entre a apreciação e a imagem que o outro tem de nós mesmos e a que nós mesmos constituímos.

Diferentes modalidades de leitura podem servir ao propósito de leitura cidadã: a leitura colaborativa (usada para a socialização de estratégias para a reconstrução do texto), a roda de leitura (que poderá ser usada para o desenvolvimento de comportamentos leitores), a leitura silenciosa (que, apesar de não ensinar a ler poderá ter questões que permitam investigar o que já se aprendeu a ler), a leitura em voz alta (importante somente em situações imprescindíveis), a leitura programada (para obras mais extensas), leitura em voz alta pelo narrador (mais usada em casos em que o objetivo é aprender sobre a leitura mesmo antes de se saber ler ou de ter o hábito de ler). Nesse ponto é de fundamental que se criem redes de leitura. Redes nas quais possa ser possível identificar colaboração e comprometimento efetivos e que envolvam ações passíveis de serem realizadas, regulares e organizadas.

Desejamos então propor ações que permitam e facilitem a prática da crítica, o questionamento das situações a partir da possibilidade de outra leitura de mundo. Como o tema é o que mais influencia os leitores no momento da escolha de um livro para 63% dos pesquisados (RETRADOS, 2008), pensamos em abordar a questão “Meio Ambiente”, uma vez que mais do que nunca sentimos a necessidade de uma tomada de atitude diante da realidade que se coloca. As florestas e os animais estão em extinção. As águas dos rios estão cada vez mais poluídas. A água potável está cada vez mais escassa. O homem desse século está cada vez mais individualista, pensando exclusivamente em si próprio. A nossa opção por promover ações de leitura em ambiente privado, a casa de membros da comunidade, se deu, também, pelo fato de que o lugar em que os leitores costumam ler um livro é em casa para 86%. A proposta de se fazer atividades em bairros com população de baixa renda apresentou-se como prioridade, pois 48% da população pesquisada, caracterizada como não leitores. São considerados leitores aqueles que não leram um livro nos últimos três meses, apresenta relação direta com a renda familiar e a classe social (RETRATOS, 2008).

Então, pensamos em criar meios para, saindo do meio acadêmico da Universidade, chegarmos às casas, uma vez por semana, para levarmos nossa proposta de “viagem da leitura”. Nessa atividade esperamos, em última instância, poder contribuir para melhorar a leitura caracterizada, no grupo de não leitores, pela leitura devagar, pela incompreensão do

conteúdo de leitura, pela impaciência para ler, por não conseguir manter a concentração com o objeto de leitura.

Outro fato que nos motiva é a retomada das práticas dos saraus literários, prática usada no século XVIII e XIX e que, por motivos diversos, perdeu a sua importância ao longo dos anos: a palavra falada a partir da palavra escrita, a discussão das emoções e do cotidiano retratado na literatura, a convivência de pessoas de diferentes classes sociais, nível cultural, idade, participação social etc. Propõe-se uma atividade que promova itinerância, uma viagem com livros em casas com vizinhos, tendo como foco das atenções às crianças, sem excluir os adolescentes e os adultos que, porventura, quiserem tomar parte no projeto.

Objetivo geral

Resgatar o ato da leitura coletiva no espaço privado com o intuito de desenvolver a cidadania pela conquista de competência leitora, favorecer o senso crítico e a autonomia decisória em ações cotidianas que envolvam questões ambientais, contribuindo, assim, para minimizar desigualdades sociais, culturais e educacionais.

Objetivos específicos

Despertar o gosto pelos livros e ao mesmo tempo mostrar a realidade do meio ambiente; criar condições para que hajam trocas, mediadas por obras literárias entre o conhecimento da comunidade e o conhecimento científico; propiciar ao aluno de graduação uma educação cidadã com o intuito de capacitá-lo para agir como intermediador no processo de compartilhamento de conhecimentos acadêmicos e de senso comum; reunir dados e informações que possam nortear o desenvolvimento de políticas públicas nacionais que incentivem a leitura em prol da cidadania; despertar o senso de comunidade e criar vínculos entre vizinhos pela criação de tempo para e para vivenciar um pouco de arte e interação sobre temas relacionados ao meio ambiente, criando uma ligação entre as pessoas de uma mesma comunidade que estão separadas devido ao trabalho ou à televisão ou Internet.

Estagio de desenvolvimento do projeto

O Projeto encontra-se em pleno desenvolvimento e espera-se, ao final da atividade, ter conseguido, pela leitura coletiva, sensibilizar a comunidade sobre a importância do senso crítico em questões ambientais e da necessidade de mudança de hábitos que impactem em diferentes aspectos da vida cotidiana como sociais, econômicos, culturais, educacionais, dentre outros, necessários à sua participação como cidadão ativo.

Pretende-se ter conseguido despertar no aluno a motivação necessária para compreender a relação entre homem, o meio ambiente e sociedade, e os problemas delas decorrentes, pautando-se em aspectos éticos que contemplem o ser humano, cidadão e profissional.

Espera-se também que se tenha conseguido, pela leitura compartilhada de obras literárias, estimular o intercâmbio de conhecimentos científicos e técnicos aos da comunidade, em que se insere o projeto. Em última instância, pretende-se reunir subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas nacionais que incentivem a leitura em prol da cidadania.

Metodologia

O projeto "Sarau Itinerante: Práticas Coletivas de Ecoleituras" levará atividades de leitura a bairros periféricos de São Carlos, visando promover a responsabilidade social. Desenvolvido pelos departamentos de Letras e de Ciência da Informação da UFSCar e pelo Departamento de Letras da Unesp/Araraquara, o projeto foi aprovado na edição 2008 do ProExt Cultura, edital do Programa de Apoio à Extensão Universitária, promovido pelos ministérios da Educação e da Cultura.

Na fase inicial, o projeto selecionou alunos bolsistas e agentes culturais (membros da comunidade) para desenvolver suas atividades. Semanalmente reuniões são feitas com o grupo tanto para organização estrutural das ações nos bairros como para troca de conhecimentos. Oficinas já foram ministradas junto ao grupo sobre os temas: história da leitura e da literatura (Dr. Sidney Barbosa), a arte de contar histórias (Dra. Irene Castañeda) e eco-leituras (Dra. Luzia Sigoli). Além dessa prática de aproximação dos discursos e dos conhecimentos do grupo, faz-se constantemente levantamentos conceituais sobre meio ambiente e discussão dos mesmos para que se tenha noções gerais mínimas equivalentes entre todo os participantes. Em março começaram as ações na comunidade, que têm previsão para terminar no final do ano. Os bairros Vila Isabel, Douradinho e Romeu Tortoreli foram selecionados para participar do projeto de acordo com o perfil socioeconômico. Para que as atividades sejam concretizadas, conta-se também com o trabalho de agentes culturais (selecionados pelo projeto) que mobilizarão voluntários da comunidade para disporem de suas moradias uma vez por semana para que ali sejam realizadas sessões de discussão sobre a temática dos livros. Ainda, caberá a este agente convidar membros da comunidade para participarem do Sarau.

O material literário utilizado tem foco em assuntos relacionados ao meio ambiente. Um exaustivo levantamento bibliográfico já foi feito e tem sido discutido pelo grupo para seleção que posteriormente é contada e discutida entre os alunos da Universidade e a comunidade.

Para a seleção dos agentes culturais foi feita a divulgação do Projeto junto ao Jornal da região e junto ao *site* da UFSCar, e a seleção dos mesmos se deu considerando os seguintes critérios: ser morador do Bairro, ter bom entrosamento com a região e as questões próprias do bairro, ser dinâmico e carismático, estar interessado em dinamizar a atividade de leitura. O critério para seleção dos alunos de graduação para participarem do projeto foi o de terem cursado, ou estarem cursando, o curso de Letras ou Biblioteconomia da UFSCar (São Carlos) e UNESP (Araraquara), terem interesse em atuar no projeto e terem disponibilidade para trabalhar aos sábados, dia em que a atividade será executada na comunidade, de acordo com a seguinte programação:

1 – A seleção das residências – O agente cultural estabelecerá contatos com membros da comunidade com o intuito de apresentar o projeto, saber do interesse de aquela família em receber o Sarau Itinerante. A partir desse material, serão selecionadas 35 residências em cada bairro. Caso a demanda seja maior poderá ser feito sorteio. No caso de ser menor, algumas casas poderão receber o projeto em dois momentos.

2 – A divulgação do Sarau Itinerante no Bairro – Após o agendamento da realização dos Saraus junto à comunidade, será feita a divulgação em filipeta e cartaz indicando onde será o encontro.

3 – A acolhida ao Sarau Itinerante – No dia e horário agendados para a realização da atividade, a acolhida aos membros da comunidade será feita pelo Agente Cultural do Bairro, o aluno do curso de Letras, o aluno do curso de Biblioteconomia e um morador da

casa. Em um primeiro momento serão apresentados, de forma breve, os objetivos do Projeto e um brevíário do Sarau daquele dia: o objetivo proposto, a atividade em si e suas etapas, a importância desse momento, o tema a ser discutido e a duração prevista para o encontro.

4 – O Sarau Itinerante – O Sarau acontecerá em dois momentos: a roda de leitura e a leitura programada. A roda de leitura será dirigida pelos alunos. Essa atividade será discutida, antes de cada encontro, com os professores da equipe, momento em que serão definidas as melhores estratégias que promovam entremeios dos saberes. Buscar-se-á, constantemente, promover a interação do saber popular e o saber acadêmico, para, num processo dialético, aprimorar o espírito crítico de todos: alunos, professores e comunidade. Buscaríamos despertar a consciência crítica dos participantes. A leitura programada, segunda parte do Sarau, será o momento em que os membros da comunidade discutirão a experiência de leitura que tiveram com o material emprestado em encontro anterior. O ler e o contar aquilo que se leu seria um grande atrativo para os ouvintes e futuros leitores. Seria um momento de despertar e fazer nascer um clima de socialização, solidariedade, sensibilidade para as palavras impressas e pronunciadas pela voz dos participantes.

5 – Empréstimo do material – Após o término do Sarau, em suas duas etapas, os convidados poderão devolver o material que lhes foi emprestado e fazer nova retirada. O material literário será de escolha de cada um e poderá ser emprestado tanto por crianças, quanto por jovens e adultos. Será incentivada a leitura por parte de todos.

6 – Finalização – Serão convidados a avaliar o encontro, expressando a experiência daquele dia, todos os participantes da atividade: comunidade, alunos e professores.

Sistemática de avaliação

O estabelecimento de uma metodologia para avaliar a atividade pareceu-nos essencial numa época em que a produção cultural e literária sobre meio ambiente tem coexistido com a velocidade tecnológica que se apresenta. Tentaremos, assim, uma retomada do ato da leitura, fazendo, desses momentos agradáveis, uma sementeira que possa frutificar novos e perspicazes leitores.

Um outro aspecto metodológico que deverá ser levado em conta será a apresentação de um saber sobre o mundo que nos cerca, o meio ambiente degradado. A sabedoria que os livros poderão levar aos presentes irá contribuir substancialmente para complementar o conhecimento de senso comum ou ainda introduzir conceitos e ações de fundamental importância para a transformação da realidade circundante.

O assunto a ser transmitido deve assumir o caráter de compromisso entre os participantes do projeto que discutirão criando uma interação permanente e sempre convidativa a mais uma vez. Para Benjamin, o conselho transmitido trata de “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”.

Pretendemos, assim, partindo da leitura, continuar com uma sessão de contação e, a seguir, discutir a temática. Conseqüentemente, será feito um convite a uma tomada de atitude dos participantes diante da realidade do meio ambiente.

Operacionalmente, pretendemos, ao final de cada Sarau, delimitar a dinâmica mais apropriada de avaliação do encontro. Temos desenvolvido um quadro qualitativo que diz respeito às articulações entre as ações cotidianas e o meio ambiente que pretendemos utilizar como parâmetro de compreensão da atividade perante seus participantes. Além deste quadro, alternaremos coleta de dados a partir de desenhos, entrevistas e questionários respondidos pelos participantes.

Assim, a cada encontro, haverá coleta sistemática dos indicadores qualitativos para fins de relatório parcial e final e registro de dados quantitativos e que serão reunidos, analisados e agregados a esses relatórios.

Considerações finais

O projeto que procuramos apresentar está em pleno desenvolvimento. Nossas expectativas são as melhores possíveis. Já concretizamos operacionalmente muitas ações e esperamos ao longo deste ano alcançarmos efetivamente todos os objetivos a que nos propusemos. Nosso trabalho tem tomado visibilidade perante a comunidade e a Universidade e temos sido constantemente solicitados para prestar entrevistas e depoimentos sobre o mesmo. E isto só nos motiva ainda mais e nos faz acreditar que temos um longo plantio pela frente, mas que seus frutos serão mais saudáveis e férteis do que pudemos inicialmente vislumbrar.

Referências

AMORIM, G. (Org.). *Políticas públicas do livro e leitura*. Brasília: Cultura acadêmica, 2006.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENJAMIN, W. O Narrador. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas; vol 1).

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1880.

BETTELHEIM, B. *A Viena de Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BRÄKLING, K. L. *Competência leitura e cidadania*. Revista para Viver Juntos, n. 1, set. 2008. Disponível em:

http://www.edicoessm.com.br/ArchivosColegios/edicoessmAdmin/Archivos/documentos/REVISTA_VJ_INTERNET.pdf. Acesso em: 28/10/2008.

COELHO, N. N. *Literatura infantil*. São Paulo: Ática, 2005.

PLANO Nacional de Cultura: diretrizes gerais. 2. ed. ver. e atual. Brasília: Ministério da Cultura, [2008?].

RETRATOS da leitura no Brasil. [S. l.]: Instituto Pró-Livro, 2008.

WEISZ, T. *Conquistar a leitura, conquistar cidadania*. Revista para Viver Juntos, n. 1, set. 2008. Disponível em:

http://www.edicoessm.com.br/ArchivosColegios/edicoessmAdmin/Archivos/documentos/REVISTA_VJ_INTERNET.pdf. Acesso em: 28/10/2008.

1 Profa. Dra junto a Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Letras.

2 Profa. Dra junto a Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Ciência da informação.

3 Prof. Dr. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, Departamento de Letras Modernas.

4 Profa. junto a Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Ciência da informação.

5 Profa. Dra. junto a Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Ciência da informação.